

O discurso conservador brasileiro nas novas mídias digitais e a *Honra da Família*: uma leitura à luz de Wilhelm Reich

Resumo: O cenário atual político e ideológico brasileiro se encontra fortemente atravessado pelo crescente discurso conservador. Muitas vezes relacionado à “nova direita brasileira”, o conservadorismo parece ganhar simpatizantes na medida em que opera como oposição a toda forma de estar em sociedade que discorde dos antigos costumes. Discursos desta natureza tem crescente presença, sobretudo em espaços virtuais. Nesse sentido, novas mídias se oferecem como potenciais dispositivos de propagação de pensamentos conservadores e reacionários. Considerando a história brasileira, fortemente marcada pelo regime ditatorial, a reascensão do conservadorismo configura um problema social sério e que necessita de maior investigação. Assim, o presente estudo objetiva compreender quais elementos compõem e fortalecem o discurso conservador brasileiro contemporâneo. Para isso, foram selecionados quatro *youtubers* brasileiros em atividade e que se autodeclararam adeptos do pensamento conservador da nova direita brasileira. Em seus respectivos canais foram buscados e analisados vídeos que versassem sobre quatro categorias escolhidas *a priori* a partir do que Wilhelm Reich chamou de “escala de valores do fascismo”. Desse modo, as categorias do presente estudo são: (1) *A Honra Pessoal*; (2) *A Honra da Família*; (3) *A Honra da Raça*; e (4) *A Honra da Nação*. Os resultados parciais aqui apresentados dizem respeito somente a análise da segunda categoria, *A Honra da Família*. Foi possível verificar que o pensamento conservador contemporâneo, presente nos canais selecionados, toma a família tradicional como ideal cultural brasileiro. Esse ideal encontra-se, na grande maioria das vezes, vinculado a uma tríade constituída por elos entre família, nação e religião. Dessa forma, o discurso conservador indica forte tendência à busca por uma unidade religiosa em detrimento das demais. A luta por direitos por parte de movimentos feministas e de populações LGBT é tomada pelos *youtubers* como responsável culposa pela deterioração dos valores tradicionais e cristãos da família brasileira. O conservadorismo busca, desse modo, a naturalização de uma definição de família, ao mesmo tempo em que acusa de perversas as demais definições. Estes resultados, apesar de parciais, são de grande importância na medida em que revelam a exclusão social e o discurso de ódio como componentes de um suposto posicionamento político. Da mesma forma, revelam-se grandes semelhanças entre o discurso conservador e a essência que compõe o pensamento fascista.

Palavras-chave: Conservadorismo. Psicologia de Massas. Família Tradicional.

Autor: Róger de Souza Michels

Dados do autor: Psicólogo (PUCRS). Mestrando em Psicologia e Bolsista CNPq no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Introdução

O cenário político e social brasileiro tem se caracterizado por um progressivo aumento na presença e valoração de discursos políticos de caráter explicitamente conservador. Discursos dessa natureza, permeados por noções que almejam a retomada de comportamentos patriotas e de uma suposta ordem social, surgem com maior intensidade a partir daqueles que falam desde o lugar da autodeclarada “nova direita brasileira”. Sachsida (2017), economista e pesquisador brasileiro, descreve, na página do Instituto Liberal, a nova direita como a mesma direita de sempre: aquela que reúne, sob a mesma égide, liberais, conservadores e anticomunistas em geral.

Ainda que a brevíssima definição de Sachsida (2017) carregue o aparentemente contraditório convívio entre liberais (adeptos da noção de “menor interferência possível do estado”) e conservadores (cujo discurso de matizes muitas vezes moralistas pode se aproximar da noção de controle estatal), sabemos que de fato a nova direita brasileira está constituída pelos referidos posicionamentos políticos. Nesse sentido, ainda que não seja a pretensão deste estudo discutir os tensionamentos políticos entre direitas e esquerdas, o conservadorismo que buscamos problematizar diz respeito àquele identificado pela própria nova direita brasileira como parte de seu conjunto discursivo.

O debate em torno desta questão se faz importante na medida em que discursos conservadores retomam, muitas vezes, como ideal social os mesmos elementos de um passado político brasileiro não tão remoto onde os direitos humanos foram violados pelo Estado. Dessa forma, em última instância, discutir e problematizar a reascensão do discurso conservador brasileiro na atualidade torna-se um exercício em defesa da saúde mental e dos direitos do cidadão brasileiro.

Primeiramente, é importante traçar uma definição de caráter mais conceitual acerca do que é o conservadorismo. Bonazzi (1998) explica que qualquer tentativa de uma conceitualização política da noção de conservadorismo enfrenta dificuldades uma vez que não há qualquer teoria política comum a todos aqueles que se autodeclaram conservadores. Devido a essa leitura, o conservadorismo é compreendido, cotidianamente, muito mais como uma atitude do que como uma ideologia. Todavia, um retorno às raízes do conceito, isto é, o pensamento de Edmund Burke, teórico político do período da Revolução Francesa, permite compreender o conservadorismo como um posicionamento político legítimo e dotado de características próprias.

Souza (2016) contextualiza o conservadorismo de Burke como oriundo de suas concepções de revolução que divergem substancialmente das correntes progressistas da época. Assim, Burke acreditava que revoluções políticas seriam menos transformadoras e mais destruidoras da ordem, ao mesmo tempo em que rebaixam as tradições de uma

sociedade. Sabe-se ainda que estas concepções encontravam importantes alicerces no monoteísmo cristão que acabava por atribuir ao Estado uma ordem natural eterna e divinamente estabelecida. Nas palavras de Souza (2016):

“Tal concepção de mundo redonda na naturalização das relações sociais — redundância frequente entre as ideologias conservadoras. A divisão da sociedade em classes e a desigualdade social, portanto, compõem, na visão burkeana, um quadro de hierarquia e ordenamento correspondentes à natureza” (p.369).

Dessa maneira, escorado historicamente em concepções naturalistas sobre a constituição social, o conservadorismo dá ensejo para que o Estado localize “culpados” por eventuais degradações da sociedade, ou seja, aqueles que estariam infligindo a natureza da constituição coletiva. Souza (2016) salienta que esta é justamente a concepção que viabiliza toda forma de perseguições políticas, ideológicas, xenofóbicas e religiosas. É também nesse sentido que o conservadorismo realça o poder político como uma ação necessária à manutenção social, ou ainda, em outras palavras, o poder como “cimento da sociedade que, seja qual for a sua estrutura, sem ele, cairia na anarquia” (BONAZZI, 1998, p. 245).

No Brasil contemporâneo, o conservadorismo de Edmund Burke ganha novos pigmentos via um curioso sincretismo ideológico. Exemplo disso pode ser facilmente apreendido da confluência entre os discursos político e religioso no atual cenário brasileiro. Assim, a famigerada “bancada evangélica” compõe um ponto de grande relevância na compreensão do processo de reascensão do discurso conservador brasileiro. Em uma linha bastante semelhante a do discurso de Burke de matizes cristãs, o conservadorismo brasileiro está fortemente atrelado a concepções não-laicas do que é certo (bons costumes) e do que é errado (pecado). Almeida (2017) destaca que, por parte da bancada evangélica, há um conservadorismo ativo que visa à disputa pela moralidade pública. Ou seja, “não somente a proteção da moralidade deles, mas a luta para ela ser inscrita na ordem legal do país” (p.18). O autor aponta que a conjuntura político-religiosa no Brasil opera em favor do conservadorismo a partir de quatro linhas de força: econômica, moral, securitária e internacional. Entendemos que estas quatro linhas de força encontram-se intimamente entrelaçadas e repercutem simultaneamente, cada uma a sua maneira, sobre os mesmos fatores da vida cotidiana do cidadão brasileiro.

Dentre os distintos temas sobre os quais a reascensão do discurso conservador repercute, o eixo da família parece ocupar uma posição axiomática. Muito tem se falado na “família tradicional brasileira” como a principal vítima das atuais formas de se fazer política. Assim, por meio da concepção de família tradicional, vende-se o tripé nuclear a ser necessariamente constituído por pai, mãe e prole. Destaca-se, nesse sentido, o Projeto de

Lei n.º 6.583/2013¹, elaborado pelo ex-deputado Anderson Ferreira. A referida PL teria como finalidade a elaboração de um Estatuto da Família mediante o qual seriam dispostos todos os direitos da família brasileira no que tange às políticas públicas de assistência. Todavia, o referido projeto toma como definição de entidade familiar “o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável”.

O apoio social para projetos de lei deste tipo é sempre não homogêneo, uma vez que a maioria dos temas oriundos do debate conservador tornam-se legítimos divisores de águas nos espaços de discussão em torno da política brasileira. Ainda que seja tarefa do poder legislativo a elaboração de projetos de lei, a adesão popular tem grande relevância, sobretudo contemporaneamente onde, com o advento da internet, o cidadão expõe e defende mais ativamente suas opiniões. Nesse contexto, podem emergir formadores de opinião que direcionam a opinião pública para distintas posições. O YouTube diz respeito a um dos mais poderosos espaços onde qualquer sujeito pode desenvolver um canal de comunicação direta com um determinado público. Montañó (2017) destaca a profissão de “*youtuber*” como fruto deste território virtual. Nesse sentido, o YouTube se torna uma legítima ferramenta de “memória em rede” (PUHL, ARAÚJO; 2012) onde são tecidas relações de escalas mundiais sobre distintos temas.

Entende-se, desse modo, que a profissão de *youtuber* ocupa um papel central na construção de memórias sociais e, conseqüentemente, na disseminação de ideologias. Por conta disso, o mesmo conservadorismo que reascende no cenário político brasileiro se presentifica no discurso ideológico de muitos *youtubers* dedicados a produção de conteúdos especificamente relacionados à política e à cultura. Sendo assim, o *youtuber* pode ser entendido como um porta voz importante no estudo sobre o conservadorismo, pois suas palavras são, diante do elevado circuito de informações, as mesmas de seus expectadores.

Sabendo, assim, que a família, em sua roupagem heteronormativa, assume um papel central no discurso político e conservador brasileiro – discurso este que se presentifica cada vez mais em espaços virtuais de troca e circulação de informações – questiona-se a razão deste fato. Por que o conservadorismo busca a delimitação de um modelo familiar unívoco?

Uma hipótese explicativa a este fenômeno pode ser apreendida na obra de Wilhelm Reich, importante psicanalista e sexólogo, cujo pensamento foi selecionado como ponto norteador do presente estudo. Em sua obra, Reich faz interagirem continuamente as proposições freudianas e a ideologia marxista. Na medida em que via a sociedade capitalista e patriarcal como uma geradora de repressão da sexualidade humana, Reich

¹ O PL 6583/2013 atualmente está aguardando deliberação do recurso na mesa diretora da câmara dos deputados. Uma apreciação mais detalhada do projeto e seu andamento pode ser realizada a partir do link: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>.

apontava a necessidade de uma revolução sexual mediante a qual seria viabilizada a ampliação das capacidades do humano estar em sociedade (ROUDINESCO, 1998).

Dentre os distintos trabalhos de Reich, destaca-se como uma de suas mais importantes obras o livro titulado *Psicologia de massas do fascismo*. Nesse texto, Reich (1988/1933) desenvolve, a partir de uma extensa análise do discurso fascista europeu, sobretudo o de Adolf Hitler, suas hipóteses sobre de que modo regimes totalitários conquistam o apoio popular, ainda que seus interesses atinjam diretamente a liberdade do povo. Em linhas gerais, sua tese é a de que ideologias conservadoras e fascistas encontrariam correlatos na constituição psíquica do homem moderno. Ou seja, a ascensão fascista na Europa do século 20 não pode ser explicada unicamente por questões políticas e econômicas – tão pouco por um hipotético poder manipulador do ditador –, mas sim por uma cultura de repressão que há séculos dava condições para seu surgimento.

Assim, a teoria reichiana parece oferecer subsídios válidos ao processo de análise do discurso conservador que reascende no âmbito político brasileiro. Na medida em que não se restringe ao entendimento do fenômeno social por meio de leituras políticas burocráticas, mas expande as concepções pelo vértice da metapsicologia, Reich (1988/1933) torna-se de grande relevância ao presente estudo. O fato de sua obra ter sido redigida na primavera do regime nazista torna-se um aspecto positivo para o processo de análise discursiva do conservadorismo contemporâneo, uma vez que permite revelar que determinados fenômenos político-sociais não se restringem a um dado período histórico, pois são em grande parte atrelados a fenômenos psicológicos imanentes ao humano.

Sendo assim, o presente estudo objetiva compreender quais elementos compõem e fortalecem o discurso conservador brasileiro contemporâneo considerando a leitura de Reich (1988/1933) sobre a forma como o fascismo consolida-se no imaginário social. Espera-se com este estudo poder trazer à tona maior esclarecimento sobre as formas como o conservadorismo tem ganhado voz no cenário brasileiro.

Metodologia

Com a finalidade de traçar uma compreensão mais aprofundada sobre o discurso conservador brasileiro, o presente estudo se propõe a uma pesquisa qualitativa exploratória. A amostra está composta por quatro *youtubers* brasileiros em atividade e cuja ideologia alinha-se, declaradamente em seus vídeos, à faceta conservadora da nova direita brasileira. Os canais selecionados são: *Professor Maro*, *Nando Moura*, *Conde Loppeux* e *Paula Marisa*. Detalhes acerca de cada um dos componentes da amostra encontram-se na seção de resultados e discussão (Quadro 1). Para coleta dos dados, em cada canal foram buscados vídeos que, a partir de seus títulos, indicassem se tratarem dos temas de

interesse do estudo. As falas dos *youtubers* foram transcritas e, posteriormente, analisadas em acordo com seu contexto.

Para análise dos dados utilizamos como método a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) que diz respeito a uma técnica que almeja obter, a partir de procedimentos sistemáticos, a descrição do conteúdo de determinadas comunicações, bem como seus indicadores que permitem inferências relativas a sua mensagem. Em outras palavras, este método de análise permite que o pesquisador localize o sentido que está além dos conteúdos manifestos em uma determinada comunicação. Para isso, utilizou-se da sistematização do método proposta por Gomes (2008) que sugere os seguintes passos: categorização, inferência, descrição e interpretação.

Neste estudo, o processo de categorização foi efetivado *a priori*, ou seja, as categorias de análise foram desenvolvidas antes da análise de conteúdo dos materiais coletados, tomando como base a revisão de literatura. As categorias desenvolvidas advêm dos quatro pontos elencados por Reich (1988/1933) como essenciais na escala de valores do fascismo e conservadorismo. Assim, as quatro categorias são: (1) *A Honra Pessoal*; (2) *A Honra da Família*; (3) *A Honra da Raça*; e (4) *A Honra Nacional*. Os resultados parciais aqui discutidos dizem respeito somente à segunda categoria, “*A Honra da Família*”, haja vista que a análise das demais ainda não foi concluída.

Resultados e Discussão

Como explicitado na seção de método, os resultados parciais aqui apresentados dizem respeito somente à análise da segunda categoria intitulada “*A Honra da Família*”. Para uma efetiva compreensão acerca das noções de honra familiar, se faz necessário retomar alguns fundamentos da obra de Reich. Um primeiro aspecto a ser considerado em *Psicologia de massas do fascismo* é que neste livro, Reich (1988/1933) tem como base a metapsicologia psicanalítica. Logo, o cerne de suas hipóteses psicossociais está justamente na teoria do recalque. Em Freud (1996/1915) o recalque é constitutivo do núcleo do inconsciente, pois é através de sua ação que são mantidas no inconsciente as representações de determinadas pulsões cuja efetivação, apesar de prazerosa, afetaria o equilíbrio psíquico do sujeito.

Nos referidos termos, o recalque encontra-se alinhado às proposições freudianas acerca da moral sexual civilizada. Para Freud (1996/1908) o processo civilizatório perpassa três estágios: um primeiro de plena manifestação da pulsão sexual; um segundo onde toda pulsão sexual é suprimida, exceto quando objetiva a reprodução; e um terceiro onde somente a finalidade reprodutiva é admitida enquanto meta sexual. Este terceiro ponto é justamente onde floresce a moral sexual civilizada. A moral sexual civilizada, de acordo com

Freud (1996/1908), tem grande influência na produção da neurose, uma vez que suas exigências são altamente custosas ao psiquismo. É justamente em torno dessa concepção que Reich (1988/1933) desenvolve sua teoria.

Ao estudar a ascensão fascista na Europa, Reich (1988/1933) defende a tese de que a psicologia das massas não pode ser resumida aos fatos econômicos e de consciência política. Para Reich (1988/1933) o germe de uma sociedade submissa é o mesmo apontado por Freud (1996/1908) acerca das neuroses em uma sociedade marcada pela moral sexual civilizada: a insatisfação sexual. O tema da insatisfação sexual é radicalizado por Reich (1988/1933) quando afirma que a sociedade ocidental moderna está constituída de tal modo que torna inviabilizada qualquer satisfação sexual. Há intensos efeitos sociais nessa montagem, pois “a fraqueza sexual vai diminuir a autoconfiança. A compulsão para manter o recalçamento sexual provoca o desenvolvimento de concepções patológicas de honra e dever” (OLIVEIRA & CRUZ, 2009, p.74).

Nesse sentido, Reich (1988/1933) toma como objeto de análise social o sentimento de honra e dever familiares. Seus estudos indicam inquestionáveis pareamentos entre as relações de poder de um estado fascista e conservador e as relações de poder que se naturalizam na vida privada familiar:

A família autoritária apresenta-se como a principal e a mais essencial fonte reprodutora de todo o pensamento reacionário; é uma fábrica onde a ideologia e a estrutura reacionária são produzidas. A "proteção à família", isto é, à família autoritária e numerosa, é o princípio básico de toda a política cultural reacionária. Isto se esconde, fundamentalmente, na expressão "proteção ao Estado, à cultura e à civilização". (REICH, 1988/1933, p.57)

Demonstramos, a seguir, que o mesmo pareamento entre a família e Estado, identificado por Reich (1988/1933), se faz presente no discurso da nova direita, sobretudo a partir da voz de *youtubers* brasileiros. Investigar a reascensão de discursos conservadores nas novas plataformas digitais demanda alguns esclarecimentos preliminares. É necessário destacar que os sujeitos selecionados terão seus discursos analisados a partir de declarações que se encontram sob domínio público no site do YouTube Brasil.

Desse modo, o que o presente estudo visa apontar é exclusivamente os elementos que compõe a fala dos *youtubers* sem para isso levantar qualquer interpretação que esteja para além do aspecto político. Ou seja, não serão questionadas personalidade, caráter ou credo de nenhuma das figuras públicas. O foco está única e exclusivamente direcionado aos pontos de convergência entre suas concepções e os destaques dados por Reich (1988/1933) à psicologia das massas.

Primeiramente, é necessária uma breve explanação sobre a amostra. O Quadro 1 oferece, além de dados gerais, a descrição dos conteúdos que os canais selecionados oferecem ao seu público. As informações foram organizadas a partir daquilo que se encontra disponível nos respectivos canais pesquisados.

Quadro 1 - Informações dos canais selecionados

Youtuber	Nº de Inscritos	Frequência média de postagem	Descrição
Professor Maro	169.120	4 vídeos semanais	Maro é catarinense e professor de história. Em seu canal posta vídeos que discutem regularmente temas como: moralidade, cultura, política, educação e espiritualidade. Maro é autor de 15 livros publicados em sua maioria de forma independente através do sistema de e-books da Amazon. Destaca-se em seu canal a frequente referência à obra “Na luz da verdade”, de Abdruschin, a qual estuda há 10 anos e na qual encontrou <i>“as respostas essenciais que eu precisava para alcançar a minha tranquilidade, a paz de espírito”</i> .
Nando Moura	1.311.279	5 vídeos semanais	Nando Moura é músico. Toca guitarra elétrica desde os 14 anos e possui uma longa estrada nesse ramo. Atualmente trabalha na banda Pandora101, além de produzir em seu estúdio particular trilhas sonoras para diversas finalidades, e dar aulas de música. Em seu canal, Nando apresenta conteúdos diversos como música, política, filosofia, teologia e, em grande parte, críticas a outros canais do YouTube Brasil. A grande visibilidade de seu canal lhe possibilitou a oportunidade de gravar vídeos ao lado de políticos brasileiros como Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro.
Conde Loppeux	32.773	3 vídeos semanais	Há poucas informações sobre Conde Loppeux. Não se sabe exatamente qual sua história ou formação. Sua única rede social ativa é o YouTube. Em contraste com os demais <i>youtubers</i> selecionados, Conde não dedica nenhum trabalho de edição aos seus vídeos. Os conteúdos que apresenta estão voltados a reflexões em torno de temas como filosofia, política e teologia.
Paula Marisa	57.334	2 vídeos semanais	Paula Marisa é Educadora Física, além de especialista em supervisão escolar e orientação educacional. Apesar de sua formação, prefere se considerar uma autodidata, uma vez que <i>“nas universidades não se ensina nada além de doutrinação marxista”</i> . Nos vídeos de seu canal são oferecidas temáticas variadas como dicas de leitura, pensamentos sobre a sociedade, teologia e política. Paula Marisa salienta que todos os conteúdos de seu canal são “politicamente incorretos”.

É notável que todos os *youtubers* possuem boa visibilidade em termos de número de inscritos. Estes números nos permitem o vislumbre hipotético do alcance de seus discursos. Tendo em vista a regularidade de suas postagens, todos os canais selecionados possuem um público mais ou menos fixo e ativo por meio de comentários e curtidas. A percepção geral dos *youtubers* sobre o conceito de família pode ser brevemente apreendida das seguintes falas.

“A família é a base e o fundamento para que possamos ter uma sociedade decente” (Professor Maro)

“A família, o afeto de pai e filho, mãe e filho, existe desde o primórdio da humanidade. Negar isso é ser um imbecil. É defender uma ideia imbecil, idiota, perversa por natureza” (Nando Moura)

“Se eu prego a relativização da família, eu prego também a relativização da autoridade que consagra a família” (Conde Loppeux)

“As famílias já não têm mais contato, os pais não conversam com os filhos” (Paula Marisa)

Estas falas se apresentam como o ponto de partida tomado por cada um dos *youtubers* quando tecem suas opiniões em torno do que é uma família e sobre de que forma ela deve estar constituída. Em todos os casos, as concepções de família ganham um notável entrelaçamento com outros temas. As falas de Professor Maro e Conde Loppeux apontam para o caráter estruturante da família enquanto berço da sociedade. A colocação de Nando Moura, por outro lado, indica a normatização da família a partir de um modelo considerado naturalmente primordial. Paula Marisa, por sua vez, denuncia um fato contemporâneo: o enfraquecimento dos laços familiares e a consequente perda de atenção aos filhos. As falas apresentadas não buscam apenas delimitar o que é uma família tradicional, mas também denunciar, muitas vezes em tom maniqueísta, um suposto processo social que objetiva intencionalmente sua desestruturação.

“Enquanto que a família ela exerce um papel importante na educação das novas gerações, essa família vai passando também os valores tradicionais. E é justamente isso que está sendo combatido hoje no Brasil: os valores tradicionais” (Professor Maro)

“Se hoje em dia nós admitimos que o pai e a mãe, na sua autoridade, podem ser relativizados, nada impede que outras esferas estranhas a família invadam o papel do pai e da mãe pra tirar esse poder” (Conde Loppeux)

As falas de Professor Maro e Conde Loppeux sugerem que papéis de pai e mãe funcionam como o prolongamento de uma tradição, de uma convenção social que é

transmitida, enquanto fundamento, pelo seio familiar. De fato, a família exerce o importante papel de transmitir aos filhos a lei, ou ainda, a cultura. Freud dissertou em diversos momentos de sua obra acerca desta função histórica e civilizatória da família. Entretanto, a mesma família que viabiliza a transmissão e a internalização da cultura de um povo, poderá também efetivar a perpetuação de outros aspectos que não necessariamente correspondem à manutenção daquilo que é básico à vida em sociedade. Em outras palavras, o grupo familiar, quando constituído de relações autoritárias, poderá exercer um papel de domesticação social.

Todo grupo familiar, tradicional ou não, possui, em alguma medida, determinados papéis que organizam certo nível de hierarquia familiar. Wagner, Tronco e Armani (2011) explicam que a existência de papéis no sistema familiar está associada às competências que cada membro recebe e assume diante do grupo. Nesse sentido, um mesmo membro pode assumir diferentes papéis, mas para isso é necessária uma flexibilidade dos laços que organizam a família. Na família autoritária descrita por Reich (1988/1933), os papéis de pai e mãe ganham funções que não se restringem à formação ética do sujeito e sua inserção no conjunto de signos da cultura. Nas famílias autoritárias, pai e mãe tornam-se legítimos representantes do conservadorismo e controle do Estado.

A figura autoritária do pai, de acordo com Reich (1988/1933), produz nos filhos a atitude de submissão para com a autoridade. Todavia, a autoridade paterna não apenas forma espíritos submissos, mas também permite que seja alicerçada no psiquismo infantil uma importante identificação emocional com todo tipo de autoridade. Freud (1996/1921) já havia destacado a relevância do fenômeno da identificação na psicologia de grupos, alertando que todo líder é tomado pelo grupo como objeto de amor e temor, os mesmos sentimentos que cada sujeito vivenciou diante da autoridade paterna. “O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade” (FREUD, 1996/1921, p.131). Portanto, a paixão pela autoridade, descrita por Freud, é oriunda da autoridade exercida pela figura paterna, segundo Reich (1988/1933), autoridade esta que viabiliza a admiração cega por qualquer líder tirânico.

A mãe, por outro lado, ainda que também tenha influência na manutenção reacionária de um estado conservador, assume um papel distinto daquele que o pai exerce sobre ela e os filhos. Reich (1988/1933) explica que diante do autoritarismo exercido pelo homem, a mulher cria uma atitude de resignação forçada. Nesse sentido, a mãe, ainda que também exerça certa autoridade sobre os filhos, deve ter sua consciência tão abafada quanto os próprios filhos. Para isso, a mulher não deve ser vista como um ser dotado de sexualidade, mas tão somente como uma procriadora. De acordo com Reich (1988/1933), no estado

autoritário a mulher deve ser mantida como submissa ao homem, pois o seu inverso, “a mulher sexualmente consciente, que se afirma e é reconhecida como tal, significaria o colapso completo da ideologia autoritária” (p.100).

A busca por uma preservação do papel de submissão feminina é facilmente apreendida na fala de Paula Marisa. Quando disserta sobre a crise da família contemporânea e a falta de cuidado para com os filhos, a *youtuber* afirma:

“Infelizmente na sociedade de hoje uma mulher que diz que quer ficar em casa e cuidar do filho é vista com maus olhos, mas quando a mulher sai de casa e deixa o filho para ser criado pela internet e pela televisão o jovem pode acabar cometendo um ato destes” (Paula Marisa).

Percebemos nesta fala um interessante giro discursivo. Se outrora, a partir das primeiras conquistas do movimento feminista, mulheres que passaram a exercer atividades laborais foram mal vistas pela sociedade em geral, contemporaneamente, de acordo com Paula Marisa, haveria uma espécie de “liberdade feminina compulsória”. Por meio de uma argumentação à moda de uma psicologia reversa, Paula Marisa denuncia a suposta destituição do direito da mulher de estar ocupando seu papel natural de submissão ao homem e cuidados para com a prole. Em outro vídeo de seu canal, a *youtuber* demonstra sua insatisfação com as críticas que uma emissora cristã fez ao patriarcalismo.

“Esse tipo de sociedade que deus planejou pra nós ele vê a mulher como um complemento do homem e não como um objeto. Eu jamais pude imaginar na minha vida que eu ia ver a emissora da televisão falando contra a cultura, a sociedade patriarcal, visto que isso é um plano divino” (Paula Marisa).

A fala de Paula Marisa dá ensejo a outro importante aspecto, já discutido na introdução deste estudo, que compõe o conservadorismo brasileiro: a interferência religiosa. Todos os *youtubers* selecionados dedicam boa parte de seus vídeos a discussões em torno da relevância da religiosidade ao ser humano. Inclusive, em diversos momentos dissertam sobre a presença do cristianismo como um elemento constitutivo da cultura brasileira. A fala de Professor Maro alinha-se a este aspecto.

“O Brasil pertence às maiorias. E as maiorias aqui no Brasil elas são cristãs, as maiorias elas acreditam no valor da família tradicional e assim sendo a família tradicional é um dos grandes símbolos da sociedade brasileira” (Professor Maro).

Em *Psicologia de massas do fascismo*, Reich (1988/1933) não restringe sua análise à família autoritária, pois a inibição da sexualidade humana se faz presente em outros dispositivos passíveis de controlar e moralizar, sendo um grande exemplo disso a religião.

Reich (1988/1933) exemplifica a relevância do discurso religioso em um estado conservador e autoritário a partir das propagandas do Partido Nacional Socialista alemão que dedicou todo o seu poder para manter intactas a família, a igreja e a escola. Toda forma de misticismo religioso estaria a serviço de “desviar a atenção da miséria cotidiana, ‘libertar-nos do mundo’, impedindo portanto uma revolta contra as verdadeiras causas da nossa miséria” (REICH, 1988/1933, p.119).

Desse modo, constitui-se no discurso reacionário uma estreita ligação entre família, nação e religião. A fala de Professor Maro elucida claramente este entrelaçamento. O significante “Maiorias Cristãs” é somado ao conceito de “Família Tradicional” e, por conseguinte, resulta na concepção de “Grande Símbolo da Sociedade Brasileira”. Nesse sentido, todo movimento social que pareça transformar – ou ao menos criticar – alguma destas concepções é imediatamente apontado pelos *youtubers* como algo que, maquiavelicamente, visa a destituição da sociedade brasileira. Por essa razão, em todos os canais selecionados é possível encontrar, sem qualquer dificuldade, vídeos dedicados inteiramente a atacar determinados movimentos sociais por serem os supostos responsáveis pela queda da família tradicional.

“E nós temos que entender que todas essas ideologias gayzistas, essas ideologias que relativizam a família em favor de qualquer coisa, qualquer capricho, ela tem sim implicações sociais, implicações políticas, implicações psicológicas e tendem sim a querer destruir o núcleo familiar” (Conde Loppeux).

“O governo se utiliza de minorias, como o movimento LGBT para infringir ataques diretos à família tradicional. Mas nós estamos aí, estamos de olho e lutaremos contra toda esta imundice que estão querendo implantar aqui no Brasil” (Professor Maro).

“Você precisa ser muito idiota para crer que uma criança criada por um casal homoafetivo que isso não vai gerar qualquer tipo de empecilho na formação psicológica dessa criança. Sério, você precisa ser idiota” (Nando Moura).

Na seção de introdução do presente artigo foi explicitado que, desde Edmund Burke, o conservadorismo, aliado a tradições cristãs de ordens social natural e divina, viabiliza, segundo Souza (2016), a localização de “culpados” por eventuais degradações daquilo que é tomado como imutável na sociedade. A noção de família é desenvolvida pelos *youtubers* no mesmo eixo de uma leitura burkeana, ou seja, como algo constituído por leis naturais de ordem divina e, por isso, imutáveis. Nas falas acima encontramos um “culpado” comum: a luta pelos direitos da população LGBT.

Em *A revolução sexual*, Reich (1981/1945) explica que a instituição casamento está imbuída de uma ideologia matrimonial que influencia toda situação sexual. Ainda que o tema

do casamento homoafetivo não estivesse dentre o conjunto de reflexões reichianas sobre a família, sua leitura sobre a moral sexual civilizada oferece potentes subsídios que nos auxiliam a compreender os motivos de a bandeira LGBT ser tão temida pelo discurso conservador. Em linhas gerais, é cabível dizer que se o homossexual é compreendido como um dos culpados pelo declínio da família tradicional é porque está difusa no imaginário social, em termos reichianos, uma família compulsória.

Reich (1981/1945) afirma que “o que mais comumente estabelece a atmosfera ideológica do conservadorismo é a família compulsória” (p. 58). Como um sinônimo para ‘família tradicional’, a família compulsória, de acordo com Reich (1981/1945), atrela-se ao estado autoritário por meio de três propriedades básicas: econômica, social e política. A propriedade política é a mais importante, uma vez que por seu intermédio toda ideologia autoritária pode ser fabricada. Nesse sentido, uma família homoafetiva ocupa uma posição diametralmente oposta aos moldes compulsórios e torna-se, aos olhos do conservador, um instrumento disruptivo mediante o qual, inevitavelmente, toda forma de ensinamento autoritário se torna inviável. É evidente que não podemos afirmar que uma família homoafetiva está isenta de autoritarismos, no entanto, por estar em dissonância com os interesses de um estado reacionário, seu funcionamento presta um desserviço no que diz respeito à fabricação de ideologias autoritárias.

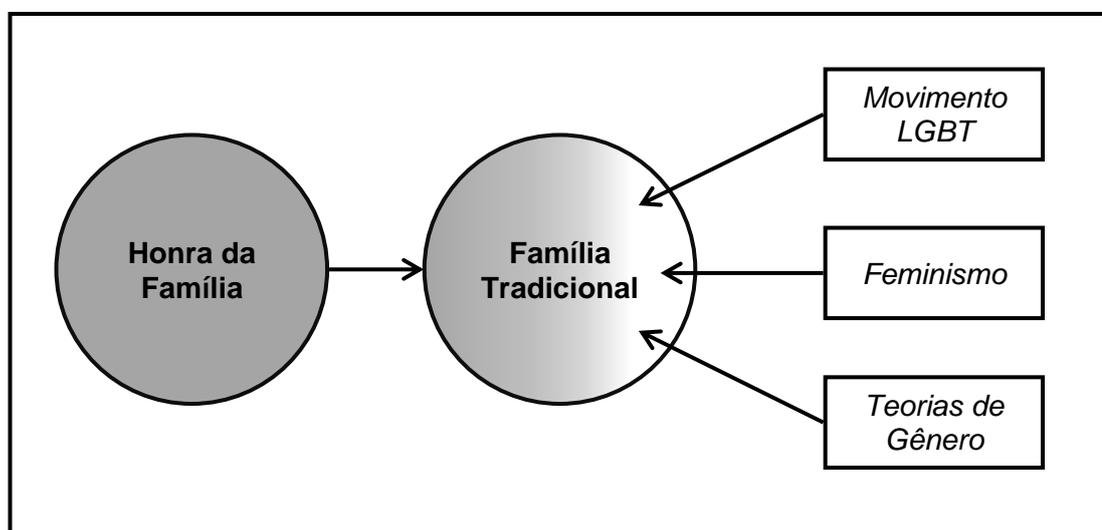
Faz-se importante destacar que a linha argumentativa destes *youtubers* está majoritariamente alicerçada na ideia de que considerar legítimas as configurações não tradicionais de família é dar espaço para uma completa desintegração das referências morais da sociedade. Um exemplo claro desse fato pode ser apreendido da seguinte fala:

“Mesmo a concepção civil do casamento, que serve simplesmente para que a família seja uma das instituições do estado e da sociedade, ele se ergue também por quatro pilastras. Consegue se manter por quatro pilastras, embora sejam pilastras diferentes. Você tem: gênero, número, espécie e sangue. Essa é a concepção conservadora do casamento civil. Então a sociedade se mantém por causa dessas quatro pilastras. Gênero: homem e mulher. Número: duas pessoas no casamento. Espécie: pelo menos que ambos sejam seres humanos. E sangue: você não vai querer ver o pai casando com a sua filha. Agora vejam... se destroem uma delas por que as outras tem que valer? [...] Se não vale gênero, por que é que tem que valer número? Se não vale número por que é que tem que valer espécie? Se não vale espécie, por que é que tem que valer sangue?” (Nando Moura).

Esta frase é paradigmática aos resultados parciais deste estudo, uma vez que revela, em sua totalidade, o encadeamento lógico que sustenta o conservadorismo brasileiro no que tange à honra da família. O argumento de Nando Moura sugere que a sacralidade de um casamento heterossexual cumpriria o papel de preservação de um código moral

subsequente muito mais complexo e delicado que, mediante a primeira abertura, passa a descarrilhar-se indubitavelmente. Assim, em seu discurso, homossexualidade e poligamia ocupam o mesmo espaço e nível de gravidade que zoofilia e incesto.

A partir destes resultados preliminares, baseados na segunda categoria – *A Honra da Família* –, podemos pontuar alguns dos diversos elementos que se emaranham no crescente discurso conservador brasileiro. A concepção de família enquanto objeto de honra foi destacado por Reich (1988/1933) como um dos elementos fundamentais ao fortalecimento de uma sociedade reacionária e conservadora. Nesse sentido, ao analisarmos o discurso dos quatro *youtubers* selecionados foi possível apreender os fundamentos de sua moralidade para com a família. Elegem-se, a partir das falas, três domínios essenciais e de ordem política contemporânea: o movimento LGBT, o feminismo, e as teorias de gênero. Esses três domínios são fortemente presentes no discurso conservador contemporâneo sobre a família, pois sua ideologia de abertura e desconstrução de valores heterossexistas e heteronormativos, vai de encontro aos conceitos que alicerçam a noção conservadora de família tradicional. Entende-se, ainda, que a própria noção de “família tradicional” está intimamente relacionada a toda forma de “honra da família”. Sendo assim, o conceito de “família tradicional” se torna a principal bandeira da militância conservadora. A figura abaixo ilustra, sucintamente, este circuito.



É também importante destacar que o discurso conservador em torno da noção de família tradicional ampara-se no já consolidado discurso religioso. Reich (1988/1933) explica em sua obra que o fundamento religioso tem grande poder sobre as massas, sobretudo porque é inculcado no pensamento humano desde a sua infância. Assim, forma-se uma moral civilizada de bases mais místicas e menos racionais. Acredita-se que o registro da religião,

ainda que se faça presente no discurso em torno da honra família, ganhará contornos mais bem definidos na quarta categoria da escala de valores conservadores desenvolvida por Reich (1988/1933), isto é, *A Honra da Nação*.

Considerações Finais

O presente estudo objetivou compreender os elementos que constituem e fortalecem o atual discurso conservador brasileiro. Para isso, nos valem de materiais de domínio público disponíveis em canais do YouTube Brasil com critério de serem declaradamente identificados com a ideologia conservadora. Os materiais coletados foram analisados por meio de uma análise de conteúdo com categorias *a priori*. O processo de categorização, desenvolvido a partir da teoria de Wilhelm Reich, contou com quatro grandes categorias, sendo o presente estudo inteiramente dedicado à segunda categoria: *A Honra da Família*.

Os resultados parciais auxiliam a compreender que elementos se encontram na matriz discursiva do conservadorismo no que tange a suas percepções sobre a família. Entende-se, a partir destes dados, que a concepção de família tradicional diz respeito a um conceito capaz não somente de conservar modelos excludentes de relações afetivas entre sujeitos, mas também de propagação de pensamentos reacionários.

O pensamento de Reich (1988/1933), explorado ao longo da discussão, indica o quanto modelos autoritários de relações familiares viabilizam a formação de cidadãos conservadores e alienados a discursos autoritários. Sabendo que vivemos uma época de tensão nas relações políticas e sociais, onde conseqüentemente discursos de ódio se afloram, ao mesmo tempo em que políticos com pensamentos extremistas reemergem, analisar e apontar para os riscos do conservadorismo se faz de grande importância. Compreender o conservadorismo oriundo dos discursos de formadores de opinião das novas mídias também se faz fundamental, pois é através deles que pensamentos retrógrados são reavivados nas massas e vistos como uma solução rápida – mas falaciosa – para problemas complexos.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.50, e175001, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500001>. Recuperado em 10 Jul. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011. 279 p.

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, Norberto et al. (Org.). **Dicionário de política**. vol.1. 11.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 242-246.

FREUD, Sigmund. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: STRACHEY, James (Org.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas**

Completas de Sigmund Freud. vol.9. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.165-186. (*Publicado originalmente em 1908*).

FREUD, Sigmund. Repressão. In: STRACHEY, James (Org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** vol.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.145-162. (*Publicado originalmente em 1915*).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: STRACHEY, James (Org). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** vol.18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.75-146. (*Publicado originalmente em 1921*).

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 27.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p.79-108.

MONTAÑO, Sonia. A construção do usuário na cultura áudio visual do YouTube. **Revista Famecos**, v.24. n. 2. ID25256, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25256>. Recuperado em 10 Jul. 2017.

OLIVEIRA, Dayse de Marie; CRUZ, Maria Helena Simão. Sobre a psicologia de massas do fascismo de W. Reich. **Revista Psicologia e Saúde**, v.1. n. 1. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v1i1.15>. Recuperado em 10 Jul. 2017.

PUHL, Paula Regina; ARAÚJO, Willian Fernandes. YouTube como espaço de construção da memória em rede: possibilidades e desafios. **Revista Famecos**, v. 19. n. 3. p. 705-722, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12895>. Recuperado em: 9 Jul. 2017.

REICH, Wilhelm. **A revolução sexual.** 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 175 p. (*Publicado originalmente em 1945*).

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 369 p. (*Publicado originalmente em 1933*).

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.

SACHSIDA, Adolfo. Quem é a nova direita? O que ela pensa? E por que os “intelectuais” a temem tanto? **Instituto Liberal**, 2017. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/quem-e-nova-direita-o-que-ela-pensa-e-por-que-os-intelectuais-temem-tanto/>. Recuperado em 7 Jul. 2017.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto et al. (Org.). **Dicionário de política.** vol.1. 11.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 466-475.

SOUZA, Jamerson Murilo Anunciação de. Edmund Burke e a gênese do conservadorismo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n.126, p. 360-377, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.073>. Recuperado em 10 Jul. 2017.

WAGNER, Adriana; TRONCO, Cristina; ARMANI, Amanda Borgert. Introdução. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: WAGNER, Adriana (Org.). **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões.** Porto Alegre: Artmed, 2011. p.19-35.